

Bumba-meu-boi *

Histórico

O Bumba-meu-boi é um auto ou drama pastoril que por tradição é representado em campo aberto ou residências particulares, durante o período natalino, como sobrevivência das festividades cristãs medievais, em que o culto do boi se fazia em homenagem ao nascimento de Cristo.

Este folguedo vem de uma tradição luso-ibérica do século XVI, com outras influências européias, no caso da antiga comédia popular italiana, presente nesta farsa com seus diálogos improvisados e seus personagens brulescos, sem ser esquecida a influência inglesa no que diz respeito ao uso da máscara e na ausência do elemento feminino.

No Nordeste, o Bumba-meu-boi nasceu dos escravos e pessoas pobres agregadas dos engenhos e fazendas, trabalhadores rurais e de rudes ofícios nas cidades, sem a participação feminina. E não se pode negar que a área pastoril nordestina, bastante desenvolvida no ciclo do couro, foi o cenário escolhido para sua formação, duração e desenvolvimento, contando, principalmente com o papel relevante do vaqueiro – personagem central deste auto. Esta manifestação apresenta grande plasticidade e uma profunda penetração sócio-política, cuja dinâmica de adaptação é a justificativa de sua permanência funcional. É o teatro popular do povo e para o povo, onde se entrecruzam raças, classes sociais, anseios, críticas, religiosidade, fantasia, conhecimento e desconhecimento do mundo real e do sobrenatural, num desfilar constante de cantos e danças nos quais os participantes vivem e revivem os momentos mais divertidos e pitorescos da sua vida cotidiana.

Com relação ao termo **Bumba-meu-boi**, diverge a opinião dos estudiosos. Para Gustavo Barrosos, a expressão “Bumba-meu-boi” significa “zabumba, meu boi” ou “o zabumba está te acompanhando boi”, porque durante a exibição do boi, o coro que canta o estribilho diz: “ê bumba, marcando o ritmo no zabumba. Para Câmara Cascudo, “Bumba” é a interjeição “zás” que significa: “Bate, chifra, meu boi”.

Enredo

“Oi levanta a bandeira, Sinhá
Oi, vamos anunciar
Este é o boi Ceará
Que vocês ouvem falar
Boi de fama como este
No sertão não haverá”.

Após a apresentação dos brincantes, dos personagens e das figuras que compõem o Bumba-meu-boi – o que é feito com canto, diálogo e dança – entra a figura principal do auto, o boi, que após dançar com o vaqueiro e se exibir pelo cenário todo, chifrando e provocando hilaridade, cai morto sem se saber a sua “causa mortis”. A cura ou ressurreição do animal ocorre, em sua maioria, pela ação do curador (medicina mágica), o doutor (medicina científica) ou do padre (medicina religiosa).

* CEARÁ. Secretaria de Indústria e Comércio. Manifestações do Folclore Cearense. Fortaleza, 1978. Trabalho Elaborado pelo Departamento de Artesanato e Turismo e empresa cearense de Turismo.

Enquanto isso, o vaqueiro faz a partilha simbólica do boi, isto é, vende suas partes através da improvisação de versos, aproveitando o ensejo para ironizar alguns dos presentes, oferecendo-lhes o que há de menor importância e que chega a provocar gargalhadas na platéia: chifres, língua, tripa, rabo, etc.

“Vou repartir o boi para os amigos meus
Uma parte do filé é do Zé Mateus
A tripa mais fina
É da comadre Serafina
E a tripa mais grossa é do compadre João da Roça
A rabada
É da rapaziada
A parte de trás,
E do velho Tomás
E o chifre de quem é...é de quem couber”

Após a ressurreição do boi, todos cantam, dançam e se despedem do público.

“Boi Ceará se despede, vai embora
Morena bela olhe lá não vá chorar
Se despede é com saudade, moreninha
Tenho pena de não poder te levar”

Personagens

Os personagens do Bumba-meu-boi são classificados em três categorias: humanos, animais e fantásticos, variando conforme a localidade e recebendo denominações diversas. Os personagens humanos mais comuns são: **Vaqueiro** – figura representativa do sertão, veste-se a caráter com gibão e chapéu de couro; **Catirina** – representa a prostituição e é sempre um homem travestido de negra despachada, usando roupa velha e lenço na cabeça; **Doutor, Curador ou Padre** – representam de maneira satírica a ciência, a magia e a religião, às quais se recorrem a fim de ressuscitar o boi. Estes três elementos se vestem de acordo com a profissão; **Caretas ou Papangus** – representam uma crítica à servidão do negro. Usam trajes de negrinhos (máscara, carapinha, boina, etc) ; **Coronel** – dono do boi – representa o domínio do senhor de Engenho. Usa geralmente uma chibata que representa o símbolo da autoridade; **Galantes** – são a própria narrativa do tema. Cantam e dançam as loas sem tomarem parte direta no auto. Vestem geralmente trajes de seda, em cores vivas.

Os personagens animais que predominam são: **Burrinha** – símbolo do trabalho – é uma composição híbrida, homem e animal, formada por um arcabouço em forma de burrinha; **Ema** – símbolo do sustento – é uma armação coberta de penas, conduzida por um garoto; **Bode** – símbolo das atividades sensuais – é uma coberta de pano na forma desse animal, sendo usada por um elemento desinibido e gaiato; **Boi** – símbolo da coragem e da altivez, que morre e ressucita, numa demonstração das duas forças antagônicas: o bem e o mal. É uma armação de madeira leve, coberta de tecido preto ou branco manchado de preto, todo adornado de fitas e espelinhos para afugentar os males, que traz um ou dois homens sob seu arcabouço. E, finalmente o **Jaraguá** que representa o mundo sobrenatural e desconhecido. É uma armação em forma de girafa com queixada de cavalo, coberta com cores vivas e que causam impacto.

Música, coreografia e instrumentação

Em cada momento preciso e para cada personagem, há uma música característica que obedece, de um modo geral, à forma estrofe-refrão. Ora os trechos musicais são tradicionais, ora são modernos aproveitados da festa do povo, o carnaval. Vezes há em que são improvisados, predominando os ritmos: marcha e baião. A coreografia se apresenta da seguinte maneira: os galantes formam dois cordões, um de cada lado do cenário, enquanto as figuras vão se apresentando por ordem de entrada com danças e passos variados, de acordo com o ritmo.

Os instrumentos musicais são os mais diversos e dependem da região onde se apresenta o boi. Cada uma delas tem seus instrumentos peculiares: zabumba, triângulo, pandeiro, sanfona, violão, cavaquinho e, muitas vezes, sax ou clarineta. Mas, o verdadeiro instrumental do bumba-meu-boi é aquele que compõe o que se chama “Conjunto de Forró”. Na zona do Cariri, este é muitas vezes acompanhado pela Banda Cabaçal.

Local de apresentação

No auto do bumba-meu-boi não há preocupação com cenário, já que o próprio lugar de função (praça, rua residência) é o seu campo de ação e o público presente se torna participante direto. As unidades de tempo, lugar e ação se subvertem e se transforma a brincadeira em um teatro anti-ilusionista. Fundem-se, portanto, realidade e imaginação.